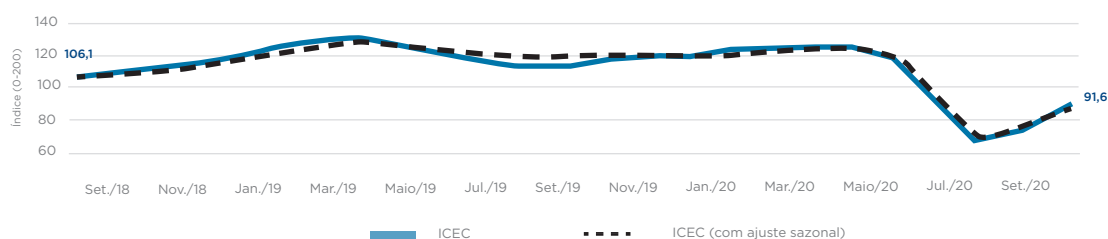


# Sumário Econômico



## Confiança do empresário do comércio sobe com avanço em todos os itens pesquisados

Confiança do empresário do comércio – Evolução e abertura do índice



\*Com ajuste sazonal

| ÍNDICE  | Set./20      | Variação mensal* | Variação anual |
|---|--------------|------------------|----------------|
| <b>Condições atuais do empresário do comércio</b> | <b>55,0</b>  | <b>+42,1%</b>    | <b>-41,5%</b>  |
| Economia  | 40,1         | +65,6%           | -52,3%         |
| Setor   | 60,2         | +39,1%           | -34,4%         |
| Empresa   | 64,8         | +33,4%           | -39,1%         |
| <b>Expectativas do empresário do comércio</b>     | <b>138,6</b> | <b>+7,2%</b>     | <b>-13,1%</b>  |
| Economia  | 130,6        | +9,7%            | -16,1%         |
| Setor   | 139,8        | +6,9%            | -12,2%         |
| Empresa   | 145,5        | +5,2%            | -11,2%         |
| <b>Intenções de investimentos</b>                 | <b>81,1</b>  | <b>+13,1%</b>    | <b>-21,7%</b>  |
| Na contratação de funcionários                    | 98,8         | +22,3%           | -21,6%         |
| Na empresa  | 63,1         | +13,8%           | -32,3%         |
| Em estoques                                       | 81,5         | +4,0%            | -11,2%         |
| <b>ICEC</b>                                       | <b>91,6</b>  | <b>+14,4%</b>    | <b>-23,1%</b>  |

O Índice de Confiança do Empresário do Comércio (Icec), apurado pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), alcançou 91,6 pontos em setembro, alta de +14,4%, com ajuste sazonal. Embora o índice permaneça na zona pessimista, abaixo dos 100 pontos do corte de indiferença, o crescimento mensal foi o maior observado na série histórica do Icec, iniciada

em abril de 2011. Na comparação interanual, a queda da confiança foi de -23,1%.

Na satisfação quanto às condições correntes, o Índice de Condições Atuais do Empresário do Comércio (Icac) chegou a 55 pontos, segundo e expressivo aumento (+42,1%), após cinco meses de quedas intensas, que fizeram o indicador alcançar o mínimo histórico em

► julho (34,2 pontos). Em relação a setembro de 2019, o índice das avaliações correntes caiu -41,5%.

O subíndice referente às expectativas, Índice de Expectativas do Empresário do Comércio (IEEC), avançou novamente e segue acima dos 100 pontos, no maior nível dentre os subíndices do Icec (127,1 pontos), indicando que os comerciantes estão otimistas para o curto prazo em relação à economia e ao desempenho do comércio e da própria empresa. Comparativamente a agosto, o aumento foi de +7,2%, mas, em relação a setembro de 2019, o nível das expectativas reduziu para -13,1%.

Quanto às intenções de investimento, o Índice de Investimento do Empresário do Comércio (IIEC) também obteve o segundo aumento mensal consecutivo (+13,1%), o maior já observado para o indicador, que chegou a 98,8 pontos. No ano, porém, a redução foi de -21,7%.

**Condições correntes: diminui ainda mais a proporção de comerciantes que avaliam a situação econômica como pior**

O item referente às condições atuais da economia cresceu históricos +65,6% na passagem mensal, atingindo 40,1 pontos em setembro, após queda de mais de 90 pontos durante a pandemia. Na comparação com setembro de 2019, no entanto, a queda foi de 52,3%. Houve novo alívio na avaliação dos comerciantes quanto ao desempenho atual da economia, em que 83,1% consideram que as condições estão piores do que há um ano, enquanto o indicador havia alcançado 92,7% em agosto, e 54,7 pontos em setembro de 2019.

Apesar de, no segundo trimestre, o Produto Interno Bruto (PIB) ter caído 9,7% em relação ao primeiro trimestre, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a atividade econômica apresenta maior ritmo desde maio. O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) avançou 2,15% em julho ante junho, pelo terceiro mês consecutivo.

Quanto às condições correntes do setor do comércio, o índice atingiu 60,2 pontos em setembro, aumento mensal de +39,1%, mas queda de 34,4% em comparação a setembro do ano passado. As avaliações negativas representaram 72,6% das respostas dos empresários, menores, portanto, do que os 83,8% de agosto, e acima dos 50,8% em setembro de 2019.

Com a reabertura das lojas do varejo não essencial, o volume de vendas do comércio varejista cresceu pelo terceiro mês em julho, de acordo com o IBGE: 5,2% no conceito restrito e 7,2% no conceito ampliado. Apesar de restrições que a pandemia ainda impõe às vendas físicas, o comércio tem também viabilizado parte do faturamento pelo e-commerce e por outros canais digitais.

O grau de satisfação quanto ao desempenho atual das empresas também aumentou em setembro (64,8 pontos, +33,4%), embora a maioria dos varejistas ainda perceba condições de operação piores (70,9%). Essa proporção negativa está abaixo da registrada em agosto (81,2%), porém acima da de setembro do ano passado (41,5%).

**Expectativas: cresce o grau de otimismo para os próximos meses**

Em relação às expectativas para a economia, o índice alcançou 130,6 pontos, crescimento de +9,6% em relação a agosto, o terceiro mês consecutivo. O maior otimismo reflete a maior proporção dos empresários que espera melhora no nível de atividade da economia nos meses à frente: 74,2%, ante 64,7% em agosto e 81,9% em setembro de 2019.

A flexibilização das medidas de distanciamento social deve sustentar a retomada gradual da atividade econômica no terceiro trimestre, principalmente no setor de serviços, o que tem impactado na percepção cada vez mais otimista dos comerciantes sobre a economia nos meses à frente. A manutenção dos benefícios emergenciais, mesmo que em valores menores, deve seguir apoiando o consumo até o fim do ano.

Em relação ao setor do comércio, também houve incremento no índice de expectativas, que cresceu +6,9% em setembro, atingindo 139,8 pontos. O maior grau de otimismo em relação ao comércio reflete que, para 79,9% dos comerciantes, o desempenho do comércio vai melhorar no curto prazo, ante 72,5% no mês anterior e 90,9% em setembro de 2019.

Com perspectivas de melhor desempenho nos dois próximos trimestres, a CNC estima queda menos intensa no volume de vendas do varejo ampliado em 2020, que passa de -6,9% para -5,7%.

O item referente à expectativa em relação à empresa também registrou crescimento mensal de +5,2%, com 145,5 pontos. A proporção de 83,4% dos empresários acredita que as condições para operação de sua empresa vão melhorar nos meses à frente, ante 77,1% em agosto e 93% em setembro do ano passado.

**Investimentos: intenção de investimentos em estoques tem primeiro crescimento em cinco meses**

Dentre os indicadores de investimento, a intenção de contratação de funcionários alcançou 98,8 pontos, crescimento mensal recorde de +22,3%. A intenção de contratar pelo comércio avançou em todas as regiões do País em setembro. É maior a proporção dos empresários do comércio que afirmaram ter pretensão de aumentar o quadro de funcionários: de 33,2% em agosto para 50,6% em setembro. Vale destacar que, ainda em julho, 75% dos comerciantes afirmavam que reduziriam a quantidade ►

- ▶ de funcionários, quadro que se reverteu rapidamente nos últimos dois meses.

Com a reabertura gradual do comércio não essencial e as expectativas de melhor desempenho do setor no último quadrimestre, os varejistas já pensam em ampliar as contratações. O último trimestre do ano concentra a principal data para o comércio, com aumento sazonal das vendas entre novembro e dezembro, o que deverá motivar maior intenção de contratar funcionários, mesmo os temporários.

As intenções de investimento na empresa alcançaram 63,1 pontos, crescimento de +13,8% entre agosto e setembro. Apesar de em nível as intenções de investimentos estarem mais de 41 pontos abaixo do pré-pandemia, aumentou pelo segundo mês o percentual de empresários também dispostos a ampliar os investimentos, de 21,4% em agosto para 26,9% em setembro.

O índice de situação atual dos estoques teve o primeiro aumento em cinco meses, +4,0%, atingindo 81,5 pontos em setembro. O percentual de comerciantes que consideram o nível dos estoques acima do adequado diante da programação das vendas diminuiu pela primeira vez desde dezembro de 2019, de 35,1% em agosto para 33,4% em setembro.

Com a necessidade de isolamento social e as lojas do varejo não essencial mantidas fechadas por meses durante a pandemia, os estoques inevitavelmente ficaram obsoletos, mesmo com parte das vendas efetuadas pelo comércio eletrônico. Alguns segmentos do varejo foram particularmente afetados, como vestuário, calçados e acessórios, e estão adotando estratégias para readequar o nível dos estoques diante das vendas, que deverão avançar ainda em ritmo gradual.

## Balança comercial de produtos químicos

A balança comercial brasileira registrou o maior superávit em agosto deste ano. Na comparação da média diária com agosto de 2019, a queda nas exportações foi de 5,5%, enquanto as importações caíram 25,1%, em razão da atividade econômica reduzida como efeito da pandemia. A corrente de comércio apresentou queda de 14,2%. O setor agropecuário aumentou a exportação em 14,6% e compensou a queda expressiva nas exportações da indústria extrativa (-15,4%) e de transformação (-7,7%). Do lado das importações, as indústrias extrativa e de transformação novamente puxaram os números para baixo, com quedas de 59,5% e 23,8%, respectivamente, em comparação com agosto de 2019. As importações de janeiro a agosto acumulam queda de 12,3%.

Com relação ao setor de produtos químicos, o déficit na balança comercial desse setor apresentou uma queda de 6,7% no ano até agosto, em relação ao mesmo período de 2019, para US\$ 19,2 bilhões. Entre janeiro e agosto deste ano, enquanto as importações encolheram 9%, para US\$ 26,6 bilhões, as exportações apresentaram queda de 14,3%, totalizando US\$ 7,4 bilhões. Os números são da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim), que chama a atenção para a quantidade recorde importada. Segundo a entidade, a queda de 15,6% nos preços médios “intensificam as preocupações sobre práticas desleais de comércio”.

Nos últimos 12 meses (de setembro de 2019 a

agosto deste ano), o déficit comercial atingiu a marca de US\$ 30,3 bilhões, em razão da complexa conjuntura internacional de desempenho econômico particularmente instável, com reduções expressivas de Produto Interno Bruto (PIB) nacionais por todo o globo.

As importações brasileiras de produtos químicos somaram US\$ 3,4 bilhões em agosto, mantendo o elevado ritmo do mês anterior (de US\$ 3,6 bilhões), apesar da turbulência econômica causada pelo agravamento da pandemia do novo coronavírus nos últimos meses no Brasil e nos países vizinhos. Isso enquanto grandes economias, principalmente asiáticas, já demonstravam claros sinais do reaquecimento de suas atividades industriais e de suas exportações, intensificando as preocupações da indústria brasileira sobre a ocorrência de possíveis práticas desleais de comércio.

Segundo dados da Abiquim, em termos de quantidades físicas, as movimentações foram de 4,4 milhões de toneladas em agosto, recuo de 6,7% frente aos 4,8 milhões de toneladas de julho, mas fazendo do intervalo entre janeiro e agosto o recorde para o período, de 32,1 milhões de toneladas, em toda a série histórica do acompanhamento da balança comercial de produtos químicos.

De acordo com o presidente executivo da Abiquim, Ciro Marino, “o momento exige cautela e visão estratégica, pois vários países, incluindo o próprio Brasil, ainda estão focados na busca ▶

- ▶ de soluções e de agendas emergenciais para o enfrentamento da pandemia e de suas graves consequências sociais e econômicas, ao passo que outras grandes economias começam a vislumbrar as tendências e as oportunidades para seus

interesses geopolíticos em relação à produção e ao consumo de bens nas cadeias globais, examinando suas dependências e seus riscos decorrentes e tratando de várias reincorporações produtivas já no curto prazo”.

## A nova nota de R\$ 200

Depois de muita polêmica gerada e de discussão nos meios de comunicação, finalmente entraram em circulação as novas notas de 200 reais. Até que enfim o que era do imaginário se tornou real.

Algumas explicações para as manifestações adversas à criação da cédula que estampa a imagem do lobo-guará deveram-se à surpresa com o seu lançamento. Em plena pandemia, não parecia momento ideal para lançamento de uma nova moeda.

Outras colocações contrárias à medida do Banco Central se relacionaram com o fato de que a inflação está baixa e sob controle, e a estreia de uma cédula de alto valor poderia passar a percepção, o sentimento, de que o real estaria se desvalorizando.

Nesse aspecto, para aqueles que vivenciaram o período de décadas de superinflação, de indexação e de mudanças constantes da moeda e de cortes de zeros, aqueles que possuem arraigadas na memória recordações derivadas das incertezas e dos efeitos da realimentação inflacionária nas suas vidas, a produção de uma nota com tamanho valor intrínseco e poder de compra pode significar resgatar aquela sensação ruim de permanente perda de poder aquisitivo da moeda – embora esta não seja a conjuntura.

Psicologicamente, a nova nota que passará a circular de mão em mão por (poucos) agentes econômicos pode trazer, portanto, um ar falso de que o real vem perdendo poder de compra. A intenção do Banco Central do Brasil é justamente outra, a de fazer com que o poder de consumo fique concentrado mais fortemente numa única nota, facilitando as operações em um momento em que as pessoas demandam por dinheiro.

O lançamento da nota de 200 reais tem muito a ver com um fenômeno que aconteceu desde o começo da pandemia do coronavírus no último terço do mês de março, que é o do entesouramento. Tal evento decorreu do aumento da demanda de moeda por parte das pessoas com finalidade de reter volume significativo de moeda em casa, dado que, no início da pandemia, o acesso ao dinheiro ficou meio complicado por causa das restrições de mobilidade social, das longas filas nas instituições bancárias – o futuro era repleto de incertezas; por outro

lado, a cautela dos consumidores era muito grande com relação a fazer dispêndios, entre outros motivos.

Também com as transferências de renda nesse momento crítico, muita gente optou pelo saque monetário e pela retenção de moeda, casos que se destacam especialmente na região Nordeste.

A demanda por dinheiro vivo fez com que o Banco Central encomendasse da Casa da Moeda o importe de 90 bilhões de reais até dezembro, o equivalente a 450 milhões de notas no novo valor de 200 reais.

Evidentemente que está por detrás da produção da nova nota a economia com transações em dinheiro que será feita com tinta, papel, logística, transporte, seguro, segurança, entre outros elementos correlatos à circulação de dinheiro na economia.

A nota com o lobo-guará possui dispositivos intrínsecos de segurança moderníssimos, que tornaram a sua reprodução falsificada um processo quase impossível. Possui marca-d'água, quebra-cabeça, número escondido, número que muda de cor, microtexto, alto-relevo, fio de segurança e elementos fluorescentes. Esses oito dispositivos de segurança, assim como a nota e as suas principais características, podem ser encontrados em <https://www.bcb.gov.br/novasnotas/nota-200-reais.html?frame=1>.

A nota vai caber bem na carteira. Consta no site do Banco Central que é impressa em papel fiduciário, com textura mais firme e áspera. Tem 6,5 centímetros de altura e 14,2 centímetros de comprimento.

A cédula com o lobo-guará vai se constituir na sétima nota da série do real em curso atualmente, considerando que, em 2005, a nota de 1 real teve a sua circulação encerrada. Hoje, circulam pela economia as cédulas de 2 reais, 5 reais, 10 reais, 20 reais, 50 reais e 100 reais.

Em 16 de novembro, entrará em vigência o PIX – sistema de pagamento instantâneo. Ele irá justamente se contrapor aos efeitos da nota de 200 reais, para que as pessoas utilizem cada vez menos dinheiro e a tecnologia realize as transações. No fim, ganham todos, a segurança continua prevalecendo e o Banco Central cumpre seu papel com louvor, atendendo interesses mais díspares.

# Mercado espera queda de 5,05% para o PIB

No último relatório Focus divulgado pelo Banco Central (18/09), a mediana das expectativas para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) aumentou para 1,99%. No curto prazo, as projeções dos analistas para o IPCA são de 0,30% para setembro, 0,35% para outubro e 0,23% para novembro. As cinco instituições que mais acertam – TOP 5 – projetam IPCA de 0,33%, 0,34% e 0,22%, respectivamente. A mediana das projeções dos analistas para o IPCA de 2021 permaneceu em 3,01%; e, para 2022, a estimativa foi de 3,50%.

Na última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), a meta da taxa de juros Selic permaneceu em 2,00% ao ano, o seu menor nível histórico. A próxima reunião será nos dias 27 e 28 de outubro, quando se espera que o Banco Central não vá alterar a taxa novamente. A expectativa do mercado é que ela termine o ano de 2020 em 2,00%; já para 2021, espera-se um aumento na taxa, alcançando 2,50%; além de um novo incremento em 2022, com juros de 4,50%.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção industrial de 2019 recuou 1,1%, a primeira queda após dois anos consecutivos de aumento, avançou 1,0% em 2018 e 2,5% em 2017. O resultado acumulado no ano até julho de 2020 mostrou queda de 9,6%; quando consideramos o período de 12 meses terminados em julho, a variação negativa foi menos intensa, de 5,7%. Contra o mesmo mês do ano passado,

houve uma retração de 3,0%; enquanto, na variação mensal com ajuste sazonal, houve o único resultado positivo, de 8,0%. Para o fim de 2020, a projeção é de queda de 6,30% no setor. Já para os dois anos seguintes, 2021 e 2022, as projeções são positivas, de 5,01% e 2,50%, respectivamente.

No âmbito externo, o mercado estima um déficit de US\$ 6,81 bilhões na conta-corrente em 2020. Em relação ao resultado da balança comercial deste ano, são esperados US\$ 55,30 bilhões pelos analistas. Já para 2021, os especialistas consultados preveem um valor de US\$ 15,21 bilhões negativos para as transações correntes e US\$ 52,75 bilhões positivos correspondentes ao esperado para a balança comercial. Isso com uma taxa de câmbio de R\$ 5,25/US\$ em 2020 e de R\$ 5,00/US\$ em 2021.

A estimativa para a evolução do Produto Interno Bruto (PIB) de 2020 é de queda de 5,05%. Apesar desse valor negativo, representa uma melhora nesse indicador em comparação à projeção de -5,46% de quatro semanas passadas. Caso se realize, será o primeiro resultado positivo após três anos seguidos de avanço. Segundo o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), indicador de atividade que serve como prévia para o PIB, a variação acumulada nos últimos 12 meses terminados em julho foi negativa em 2,90%. Já para 2021, espera-se uma evolução de 3,50% na economia; enquanto, para 2022, as estimativas são positivas em 2,50%.

## Economia colaborativa

Sobre a nova economia, a economia colaborativa ou do compartilhamento e o consumo colaborativo estão cada vez mais importantes, sugerindo a emergência de mudança em outros modos de vida.

A economia colaborativa é definida como iniciativas baseadas em redes horizontais e participação ativa de uma comunidade. É construída sobre poder distribuído e confiança dentro das comunidades em oposição às instituições centralizadas, eliminando as linhas entre produtor e consumidor.

Nos últimos anos, especialmente a partir de 2009, surgiram diferentes experiências de consumo, tanto de bens quanto de serviços, que acontecem por meio

de práticas de troca, empréstimo, doação e aluguel e que atingem uma grande variedade de setores.

Além disso, essa modalidade de consumo pode resultar em economia de até 25% em relação ao que se gastaria se fosse comprar produtos por meios tradicionais. No entanto, muitas preferências de compartilhamento não se baseiam apenas no empréstimo ou no aluguel de bens e serviços, mas também na troca – o famoso escambo.

A prática da economia compartilhada pode oferecer várias vantagens, como promover a sustentabilidade, o acesso a novas oportunidades de trabalho e a geração de renda. A economia colaborativa cria um sentimento ►

- ▶ de comunidade, estilo de vida mais simples, mas sem perder o conforto e o fácil acesso ao capital.

Em contrapartida, a economia compartilhada conseguiu ganhar espaço devido a um mercado de trabalho abatido e em que muitas pessoas estão tentando preencher os seus ganhos ao transformarem suas coisas e seu trabalho de maneiras criativas. Em muitos casos, as pessoas que se incorporam à economia compartilhada perderam recentemente um emprego em tempo integral ou estão buscando uma segunda renda.

Segundo o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), o crescimento do consumo colaborativo no

Brasil, contudo, ainda enfrenta barreiras. De acordo com a pesquisa, ainda há caminho a percorrer para tornar essas relações de consumo mais transparentes e confiáveis. Na opinião dos entrevistados, as principais barreiras para a economia compartilhada estão ligadas ao desconhecimento sobre quem está do outro lado. Mais da metade (51%) das pessoas ouvidas relatou a falta de confiança nas pessoas e o medo de “serem passados para trás”, e 43% falaram do perigo de lidar com estranhos. Outros temores são a falta de garantias no caso de não cumprimento do acordo (42%), falta de informação (37%), e desconfiança com relação à qualidade daquilo que está sendo dividido (30%).

## INDICADORES ECONÔMICOS

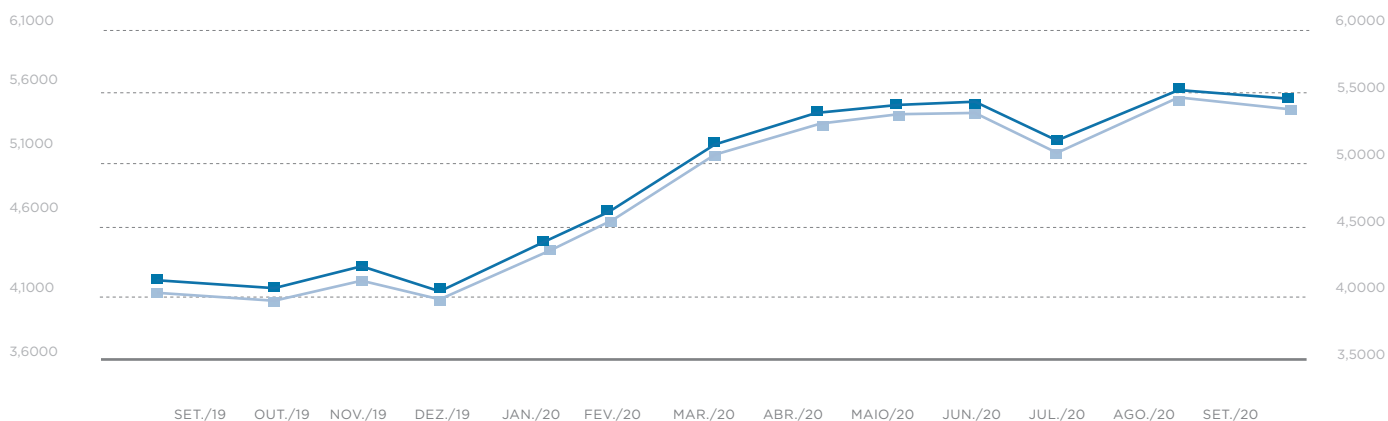
### VARIÇÃO PERCENTUAL (%)

| DISCRIMINAÇÃO      | JUNHO DE 2020 | JULHO DE 2020 | AGOSTO DE 2020 | ACUMULADO NO ANO | ÚLTIMOS 12 MESES |
|--------------------|---------------|---------------|----------------|------------------|------------------|
| IPCA (%) (IBGE)    | 0,26          | 0,36          | 0,24           | 0,70             | -                |
| INPC (%) (IBGE)    | 0,30          | 0,44          | 0,36           | 1,16             | -                |
| IGP (M) (%) (FGV)  | 1,56          | 2,23          | 2,74           | 9,64             | 13,02            |
| IGP (DI) (%) (FGV) | 1,60          | 2,34          | 3,87           | 11,13            | 15,23            |
| IPC Fipe           | 0,39          | 0,25          | 0,78           | 1,37             | 3,19             |

### CÂMBIO COMERCIAL (PTAX)

COMPRA: 5,4323\*

VENDA: 5,4329\*



\*Em 22 de setembro de 2020

### ÍNDICE DE ATIVIDADE ECONÔMICA DO BANCO CENTRAL (IBC-BR)

|                                  | Fev./2020 | Mar./2020 | Abr./2020 | Mai/2020 | Jun./2020 | Jul./2020 |
|----------------------------------|-----------|-----------|-----------|----------|-----------|-----------|
| Var. mensal (com ajuste sazonal) | 0,51%     | -5,89%    | -9,37%    | 1,86%    | 5,32%     | 2,15%     |
| MM3 (com ajuste sazonal)         | 0,11%     | -1,77%    | -4,84%    | -4,70%   | -0,98%    | 3,10%     |
| Var. mês ano anterior            | 0,58%     | -1,59%    | -14,25%   | -13,51%  | -6,32%    | -4,89%    |
| Var. acum. ano                   | 0,29%     | -0,35%    | -3,90%    | -5,85%   | -5,93%    | -5,77%    |
| Var. acum. 12 m                  | 0,66%     | 0,73%     | -0,44%    | -1,99%   | -2,38%    | -2,90%    |

Fonte: Banco Central do Brasil

## CALENDÁRIO DE INDICADORES ECONÔMICOS

Setembro/Octubro de 2020

| Dia   | Indicador/Pesquisa          | Fonte   |
|-------|-----------------------------|---------|
| 28/09 | Notimp - Política Monetária | BC      |
| 28/09 | Notimp - Mercado Aberto     | BC      |
| 28/09 | Sondagem da Indústria       | FGV     |
| 29/09 | Caged                       | Caged   |
| 29/09 | Resultado do Tesouro        | Tesouro |
| 29/09 | IGP-M                       | FGV     |
| 29/09 | Sondagem de Serviços        | FGV     |
| 30/09 | Notimp - Política Fiscal    | BC      |
| 30/09 | PNAD                        | BC      |
| 30/09 | Incerteza Econômica         | FGV     |
| 1º/10 | Balança Comercial           | MDIC    |
| 1º/10 | IPC-S                       | FGV     |
| 1º/10 | Confiança Empresarial       | FGV     |
| 02/10 | PIM-PF                      | IBGE    |
| 02/10 | PNAD-Covid                  | IBGE    |
| 02/10 | IPC-Fipe                    | Fipe    |

## SUMÁRIO ECONÔMICO

Ano XXXVIII, nº 1.637, Setembro, 2020

**Área responsável:** Divisão Econômica

**Editor responsável:** Carlos Thadeu de Freitas Gomes

**Redação técnica:** Divisão Econômica - de@cnc.org.br

**Projeto gráfico:** Gecom

**Diagramação:** Gecom

**Revisão:** Alessandra Volkert

As últimas edições desta publicação estão disponíveis na íntegra no endereço [www.cnc.org.br](http://www.cnc.org.br), na área Publicações.